

MULHERES, SUBMISSAS E GUERREIRAS. COMPLETAS.

Meiga, mãe, fera, mistério. Mulher, um ser humano apenas. Pintada e esculpida de todas as formas. E cores. Por Jacob Klinitowitz.

A mulher é doce, meiga, repouso da luta e, enquanto espera, elabora uma infinita tessitura que desmanchará a cada nova demora, impedindo o assédio dos pretendentes. Idealizada Penélope. É possível que a mulher seja mãe, nutridora, fonte terrena, realidade onde ancora o sofrimento e as dúvidas. Pode ser, ainda, ardente amante, fogo consumidor dos desejos expressos, meta suprema, anulação das transcendências, perdição do corpo. Ou é imaginação projetada, onda marítima organizada em formas curvas, inspiração e fonte de vida. Ou isto, ou aquilo, continente conhecido ou desconhecido diante do qual nós construímos e morremos. O Brasil cantou esta mulher, motivo de seresta e do samba dolente, heroína permanente e afirmadora. E a tradição que imaginamos nossa, indiscutível vocação brasileira, dos trópicos. Indiscutível?

Talvez não seja bem assim. Qual será a imagem da mulher, real ou mítica, na nossa arte atual? Há surpresas. O que é certo é o fato dos nossos artistas não registrarem mais a presença da musa, da fonte inspiradora, da consoladora, da grande nutridora. A verdade é que a mulher não se apresenta em nossa arte como a fonte perene de onde emana a criação. O que povoa a mente dos nossos artistas e se concretiza em imagens

é uma nova visão e versão da mulher. Há um outro olhar no nosso artista. E, neste caso, não importa saber se o artista é um homem ou uma mulher. O que assinala uma curiosa unanimidade nesta verdadeira revisão da imagem da mulher. Há diferenças entre um artista e outro, mas elas pertencem ao reino da individualidade e não ao da definição sexual. O nosso artista desenha uma nova imagem da mulher, confere a ela novos poderes e retira poderes antigos. Em tudo, o que se vê é que a arte organiza uma idéia inusitada sobre o ser mulher e contraria frontalmente conceitos que pareciam fazer parte do ser e estar brasileiro. Há uma nova mulher na nossa arte.

Ninguém ignora que o feminino e a imagem da mulher são temas discutidos em todo o mundo que discute alguma coisa. Estão fora desta discussão apenas os povos que ainda vivem em ciclo mítico e fora do ciclo histórico. Mas, mesmo nestes casos, a situação começa a ser modificada. Não é possível instalar computador, asfalto, fertilizantes químicos, prédios, usinas nucleares, e permanecer no mítico. Nada desaparece repentinamente. Já foram apontados, até a exaustão, os "momentos" selvagens e míticos de nosso comportamento e de nossa civilização. O que se aponta neste artigo é uma coisa muito simples: é a verificação de que a imagem da mulher sofreu modificações radicais na nossa arte.

O artigo não discute o feminino ou a incidência do princípio feminino como simbolismo. Mesmo que na nossa sociedade seja fácil verificar o impulso na direção de uma vida mais criativa, próxima da natureza, e de compor um ser humano mais completo e menos dissociado. Tudo isto implica diretamente na valorização do feminino. Na nossa arte percebemos que os nossos artistas percebem a mulher como ser carnal, sofredora, agressiva, astro de comunicação, fonte de combate e relacionamento instigador. Em alguns casos, ela é também entendida como arma ameaçadora. Mas aqui as coisas já são mais complicadas.

Mulher, ser humano.

A imagem da mulher feita de carne tem implicações severas. Significa que a mulher não é entendida como um ser glamoroso, maná e satisfação dos desejos, repouso do guerreiro. Ela não é a mulher decantada em tantas revistas e livros que imitam a literatura romântica do século passado. A mulher sem conflitos, disposta a dar prazer, a que torna o relacionamento uma forma de paz. Ao contrário, desta vez ela é o problema. Ela é feita de ossos, ele é feita de carne. Os ossos são angulosos, a carne cansa e se desmancha, perde o viço e a oportunidade. É um ser destinado à morte. Como nós, como todos. Ela não é a mãe ou a sua antípoda, a prostituta. Trata-se de uma mulher. Um ser humano.

Observe-se as mulheres que Antonio Hélio Cabral (SP) desenhou e pintou. Ele recupera a figura feminina para dar o seu depoimento. É uma mulher que se apresenta como ser. Há sensualidade neste descompromisso com a sensualidade. Mas a relação se passa entre pares. O olho é crítico, descritivo e veraz. Sérgio Lima (SP) é um pouco diferente. Ele é dotado de uma sensualidade abafada, meditada, sentida. Talvez haja um pouco de morbidez nesta despreensão. Mas a mulher é igualmente feita de carne, ossos, angulosidades e, neste caso, algumas rendas, repetições da forma e, por que não? memórias de sapato de salto alto. A escultora Oxana (Cur.) está nesta mesma linha. No seu caso, a carne se faz bronze e o bronze se retorpe em cenas de dor. Em Lima e Cabral, ao contrário, a carne não se faz bronze e dor, mas em risco e estar em si mesmo.

Há os que registram e refletem sobre a mulher como astro, placa refletora da comunicação em massa. E o caso de Ivald Granato (SP). Ele recolhe personagens saídos diretamente de uma história em quadinhos e os coloca diante de uma inesperada luz do refletor; ao fundo, uma imaginária e pressentida plateia de milhões de pessoas. Henrique Léo Fuhro (Porto Alegre) escolhe a mulher como um signo, manifestação dos sistemas contemporâneos de representação. Ela tem máscara, como os corretores de Fórmula Um. Ela tem a ima-

gem múltipla, típica da, com a simultaneidade dos espelhos. Cibernética. São seres oni presentes, simultâneos, signos, protótipos.

É um pouco o caso de artista como Luis Paulo Baravelli (SP), Lená Prado (SP), Bia Vasconcellos (RJ). Eles tratam o ser como um não-ser, mecanismo de brincar, bonecas. Baravelli não acreditava na possibilidade da individuação. Os seus são seres apenas persona. Máscara. Lená Prado recolhe os mitos culturais, como os da Semana de 22, e dá vida aos personagens, os faz reviver numa atmosfera de farsa e brincadeira. Bia Vasconcellos faz de suas tapeçarias máquinas de humor, e a mulher é a consumidora de óculos especiais, sorvetes, mas, igualmente, geradora do arco-íris. Neste contexto, os artistas montam e desmontam o personagem mulher e tornam este ser uma resposta ao universo de comunicação. A ação corresponde, na verdade, a uma reação.

Sonho e vísceras

Noutra linha, a da imaginação e do sonho, Roberto Magalhães (RJ) cria mulheres que se identificam com sonhos infantis e são, em alguns momentos, árvores da vida. Seres simbólicos, míticos, esotéricos, representação da existência. Jandira Lorenz (Florianópolis) faz emergir seres carregados de mistérios e detentores de saber antigo. Eco imemorial de eras perdidas. Rodrigo de Haro (Flo) é mais explícito. Para ele, a mulher é uma oficiante do culto, sacerdotisa e cenáculo de rituais misteriosos. Alquímico, mágico, cartas de baralho. Os seus

seres saíram do Tarô, de Eleusis, de Creta. Próxima a estes artistas, mas com um impulso vital tão particularizado, está Karime Garcia (Ribeirão Preto). Emergência inegável de surpresas intuitivas. Ela cria de quase nada, e com poucos recursos referenciais, instantes de seres que concentram, num único momento, a força selvagem e o mistério da vida. Na outra ponta do espectro, Odilla Mestriner (R.P.) transforma as mulheres num coro silencioso de um grito parado para sempre na garganta. Mulher boca, mulher sem cordas vocais, seres de sofrimento, o ser é uma tentativa congelada de espanto, horror e impossibilidade.

Não é possível esquecer os viscerais, os que percebem a mulher como centro ou parte de uma luta intestina, ser concentracionário, faísca detonadora de eclosões sexuais, sensuais e sensoriais. Gustavo Nakle (PA) está em plena evidência. A sua longa, imensa, persistente e obcecada sala desta última Bienal Internacional, assolou os visitantes com a sua carga maciça. Gustavo Nakle eclodiu conflitos primevos, primários, essenciais. Ele tornou tridimensional o que havia mostrado em dois livros meus (cerâmica e escultura, edição Volkswagen). Antes disto, houve uma sala na galeria Bolsa de Arte, em Porto Alegre. Depois, foi o que se viu: a mulher e o nascimento, a morte, o sexo, a raiva, o desprezo, o horror e a farsa social.

De maneira diferente, fantasiosa, Greta Safarty (N.Y.) trata da mulher com ironia e visceralidade. Deformações da figura, véus encobridores, insinuações de sedu-



ção. Ela discute a realidade da situação e nos mostra uma face perdida, a dos sonhos de uma alcova negra de sedução despida de conflitos. Assim gostariam as de classe média, conta-nos Greta. Nada de abajour lilás. Nada de rendas negras. Marcos Coelho Benjamin (BH) brinca com o assunto. Humorista, desenhista, ele revela a visão irônica e deformante da mulher. Brincadeira terrível, desorganizadora, desmoralizadora. A mulher é só um ser, o ser é grotesco e sem salvação. Para Maluba (GO), as mulheres são seres da noite, habitantes das trevas, deformações visuais, físicas e rostos improváveis. Homens e mulheres parecem se igualar. São os pássaros perdidos, caídos, sem asas. Anjos caídos.

Mulher guerreira

Cildo Meirelles (RJ), Artur Alípio Barrio (Paris) e Nair Kramer (SP) são diferentes. Eles são violentos. Barrio reproduz a

★ Visuais

A mulher, sempre uma musa. Jamin, um ladrão. Preso.

enigma. Ancestral, mãe da espécie, às vezes andrógino e hermafrodito. Em qualquer caso, enigma a ser decifrado, ainda que não exista mais o "devoro-te". Ubirajara Ribeiro (SP) tem uma longa experiência de mulheres-enigmas. Ladybones. Memórias, centro de reflexões, recortes colados no centro de um espaço, gravuras compostas com rigores e sutilezas gráficas quase incompreensíveis para as novas gerações. Ubirajara Ribeiro libera este ser de exceção, centro de mistérios. Amador Perez (RJ) a faz dançarina, oficiante do movimento, transformação, amiga do vento e criadora do espaço. Marcos Duprat (Milan) faz o mistério narcísico, a mulher diante do espelho, a imagem refletida, o duplo que é ele mesmo, o mergulho diante da morte que possibilita o renascimento, o novo. A mulher é um ser ainda não nascido. A mulher contempla a si mesma no surgimento da aurora. Ermelindo Nardin (Piracicaba) tem este enigma aflorado no centro de uma tormenta. Manchada de vermelho, coberta de criações inesperadas, centro de uma discussão de tantos anos, amante de um jardim ainda não florido, a mulher está presente como indagação, enigma com o qual se convive e no qual se mergulha para novamente aflorarmos cheios de dúvidas. O enigma que não pode ser resolvido, pois esta é a sua essência. Era também este mistério não resolvido de Jacintho Moraes (RJ) e que morreu com a sua morte. Mulheres quase indefinidas, pressentidas, sugeridas através da extraordinária delicadeza de sua cores e dos velados tratamentos. Uma mulher de enigmas e de pequenas coisas que adivinhemos.

É este mesmo enigma que o escultor Abelardo da Hora (PE) enfrentou e concretizou. As mulheres de cimento que povoam as noites pernambucanas foram substituídas, em parte, por mulheres feitas diretamente do corpo, moldadas de carne. A carne se faz objeto e deixa de existir. Resolveu o enigma, eliminando-o da nossa visão, substituindo-o pela presença natural e vazia da mulher, tal qual é, nos parece dizer o escultor. Newton Mesquita (SP), em algum momento de sua trajetória fez exatamente isto. Acrescido de cores vivas, industriais, como é do feitio de Newton, agora inteiramente dedicado à representação da paixão. A mulher como atriz de emoções, como atitude assumida e aficionada do amor.

Aldemir: mulher real.

Nada disto tem a ver com Aldemir Martins (SP) que busca uma mulher real, envolvida com o trabalho, na ação diária, debaixo do sol forte ou feixe de nervos e músculos na busca da sobrevivência. Ou, em desenhos pouco conhecidos de qualidade extraordinária, meditativas mulheres de repouso auto-imposto, no momento mesmo de se perceberem, com uma luz interna que aflora no perfil delicado. Mulheres em si mesmo. Ser que percebe o ser. Já o escultor João Bez Batti (Bento Gonçalves) recupera a imagem da mulher enigma capaz de sugestão. Ele não quer resolver o enigma, mas quer estar próximo dele e de suas sugestões. É a Deusa que fala e dá voz aos seus súditos. Torsos, cabeças, tranças, tudo favorece esta relação direta com o enigma. Também João Bez Batti não se coloca como um homem que sabe. Ele é o que aceita. E a imagem da mulher é a que aparece tantas vezes em suas esculturas, a Deméter, fértil comandante do mundo e da criação. Marcello Grassmann é um bom nome para terminar esta lista que se torna imensa. As suas mulheres são seres de transpostas realidades, metade anjo, metade demônio, imagens idealizadas do feminino, um pouco na terra, um pouco nas profundezas dos reinos de Plutão, mulheres sem sono, obstinadas, inteiras e determinadas. Terríveis mulheres, damas infernais, damas angelicais, damas medievais, damas sólidas e incorpóreas, demonstram a falta de limites da criação e do desenho. Seres intrigantes e fascinantes, capazes da morte e da vida, figuras modelos, protótipos ancestrais, plásticas imagens de um universo pressentido pelo artista. Talvez na terra, talvez em algum lugar não sabido. Seres que realmente podem nos devorar caso tentemos e não possamos decifrá-los. Felizmente, eu nem tento. Basta amá-las e aceitar o alargamento desta visão de alumbramento.

É diferente de Xico Stockinger (PA). A mulher é guerreira, bronze e madeira machucada, forte, e está diante do mundo com um olhar altivo. Não importa a derrota, importa o combate. Mulher guerreira. João Câmara (RE) está preocupado com os processos de representação visual e com a mulher enquanto matéria de memória. Ele confunde a idéia contínua do corpo, divide a mulher em partes, tira a carne de alguns lugares, torna-a ser fugidivo, manequim de loja, cenário pintado. O que é exatamente o oposto do que ocorre com José Cláudio (RE), seu contemporâneo, que entende a mulher como representação da alegria, da carne, da expansão criativa. Ser mulher é ser porta-estandarte, é ser cabocla dançadora de bloco de sujos. A mulher é a manifestação de criatividade e alegria popular. Dionísia figura.

Um enigma. Renascendo.

Os líricos, os amigos das nuvens e dos sonhos, a mulher costuma aparecer como